

IMAGINÁRIO DO MEDO FRENTE A VIOLÊNCIA URBANA

Andriano C. Martins

RESUMO- Atos de violência divulgados nos meios de comunicações, boatos e discussões fazem parte do cotidiano de todo cidadão dos centros urbanos, entrelaçando medo e violência urbana, gerando situações que dificulta distinguir entre realidade e imaginação. Este artigo compreende que as questões referentes às manifestações de medo, relacionado a criminalidade e atos de violência, tem ocasionado sofrimento psíquico. O estudo tem como base investigativa a pesquisa bibliográfica em artigos científicos e sustentação teórica em obras de autores da psicanálise e sociologia. Conclui-se que a violência urbana altera drasticamente as relações entre indivíduos, gera mudanças em normas e padrões de conduta, alterações funcionais cognitivas, emoção e educação, e evoca novos padrões de segregação socioespacial decorrentes desses conflitos.

PALAVRAS-CHAVE: Medo. Violência. Imaginário do medo. Angústia. Sofrimento psíquico.

ABSTRACT- Acts of violence disclosed in the media, rumors and discussions are part of the everyday life of every citizen of urban centers, intertwining fear and urban violence, generating situations that makes it difficult to distinguish between reality and imagination. This article understands that the questions regarding the manifestations of fear, related to criminality and acts of violence, have caused psychic distress. The study is based on the investigative bibliographic research in scientific articles and theoretical support in works by authors of psychoanalysis and sociology. It is concluded that urban violence drastically alters the relationships between individuals, generates changes in norms and standards of conduct, cognitive functional alterations, emotion and education, and evasits new patterns of socio-spatial segregation resulting from these Conflicts.

KEYWORDS: Fear. Violence. Imaginary of fear. Anguish. Psychological distress.

INTRODUÇÃO

A exposição de atos de violência, divulgados em massa por meios de comunicação, boatos e discussões no cotidiano dos indivíduos, tem fortalecido, segundo Corrêa (2010), o imaginário do medo, estimulando manifestações de mal-estar, ansiedade e angústias, e promovendo, assim, o medo do outro no convívio do espaço urbano. Presente desde os primórdios da história da humanidade, a violência se manifesta em todas as esferas do convívio social. É uma realidade existente nos centros urbanos em todo o mundo, tornando-se uma preocupação de todos, independentemente da etnia ou da condição social e econômica.

Esse imaginário do medo urbano no mundo globalizado é hoje povoado de figuras que provocam ameaças, por meio de narrativas que articulam medo e pânico — imagens de assaltos, assassinatos e atentados contra a vida —, bem como de enunciados na mídia que colocam o medo em uma relação estreita com o outro. As narrativas de crimes violentos produzem uma simbologia (CORRÊA, 2010), constituída por um imaginário urbano do medo que envolve toda uma sociedade com sentimento de insegurança. Presentes no imaginário, produzem desconfiança e medo em relação aos outros sujeitos no convívio social.

São inúmeras as situações desencadeadoras de medo nos centros urbanos: o carro blindado da polícia (o “caveirão”) representa um perigo iminente de conflitos com marginais, podendo resultar em uma bala perdida; buzinas de automóveis podem refletir alguma briga em curso; transeuntes com vestimentas que causam suspeitas transmitem insegurança. O desconhecido torna-se um criminoso potencial. Contudo, a sensação produzida é a de que a violência está generalizada, sem controle; o medo passou a fazer parte do cotidiano dos indivíduos que moram nos grandes centros urbanos.

Assim, este artigo tem como objetivo compreender como a violência urbana contribui para o estado de medo, especificando as principais formas de manifestação do medo e do sofrimento psíquico frente a violência urbana. Pretende-se contribuir para o conhecimento acadêmico sobre o tema, estimulando estudos futuros no campo da psicologia.

METODOLOGIA

Frente ao objetivo da investigação proposta, que visa à análise de temas referentes ao medo diante da violência urbana, optou-se por um estudo de natureza teórica, com método de pesquisa bibliográfica. Busca-se uma coleta de dados que seja capaz de pontuar formas de compreender como a violência urbana contribui para o estado de medo, tomando como base os centros urbanos brasileiros.

O material exploratório foi obtido no levantamento de artigos científicos na plataforma Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC) e no site da Scientific Electronic Library Online (SciELO). Especificamente, foram analisados quatro artigos da sociologia e sete da psicanálise, além de cinco obras de autores da sociologia e três da psicanálise. Após, procedeu-se uma leitura flutuante, que possibilitou identificar os temas das obras de Freud (Psicanálise) e Baumam (Sociologia), bem como suas idéias a respeito da manifestação do medo vivido pela população diante do cenário da violência urbana, possibilitando identificar os estados de medo diante dessa violência, experienciados pelos moradores dos centros urbanos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A análise teórica iniciou com uma leitura exploratória, verificando os assuntos de interesse, seguida de uma leitura mais seletiva. Esta última proporcionou a identificação e organização das idéias, para posterior classificação das temáticas mais relevantes: abordagens do medo; contexto social de medo urbano; medo frente à violência urbana e manifestação do medo diante da violência urbana.

ABORDAGENS DO MEDO

As reflexões construídas neste artigo utilizam referências da psicanálise e contribuições da sociologia, na perspectiva de reunir fundamentos, a partir

desses referenciais teóricos, para compreendermos as consequências do medo diante da violência urbana.

Para a compreensão do fenômeno do medo provocado no indivíduo, partimos dos pressupostos da teoria da ansiedade, abordada por Freud (1932). No enfoque adotado, tal fenômeno poderia ser atribuído ao caráter estrutural da ansiedade e das pulsões, conceituado e constituído por diversos aspectos da teoria psicanalítica.

Segundo Freud (1932), a definição mais abrangente da ansiedade indicaria para o caráter de estado afetivo, uma combinação de determinados sentimentos de prazer-desprazer, que resulta de uma descarga do inadequado represamento da libido no interior da psique, cuja origem se dá a um determinado evento (o nascimento) e se assemelha a um ataque histérico individualmente adquirido. A primeira manifestação ocorre no nascimento, e os efeitos que caracterizam a ansiedade são as ações do coração e da respiração, considerados efeitos adequados para a preparação do organismo a uma atividade (ação). "Assim, a primeira ansiedade teria sido uma ansiedade tóxica" (Freud, 1932, p. 104).

A partir desse contexto, Freud parte para uma:

distinção entre ansiedade realística e ansiedade neurótica, sendo aquela uma reação, que nos parecia compreensível, face a um perigo - isto é, reação a um dano esperado, esperado de fora ao passo que esta, a ansiedade neurótica, era completamente enigmática, e parecia despropositada (FREUD, 1932, p. 104).

A ansiedade realística era compreensível, pois parecia ter uma função de preparar de forma adaptativa o organismo para o perigo, aumentando seu estado de atenção sensorial e tensão motora, limitando-se a um sinal: adapta-se à situação de perigo que pode resultar em fuga ou defesa. Por outro lado, ansiedade neurótica, o estado afetivo se torna paralisante, inadequado e prejudicial.

Freud descreve a ansiedade neurótica sob a observação de três condições:

Em primeiro lugar, encontramos-na na forma livremente flutuante, um estado de apreensão difusa, pronta a vincular-se temporariamente, sob a forma do que se conhece como "ansiedade expectante", a qualquer possibilidade que de imediato possa surgir como acontece, por exemplo, numa neurose de angústia típica. Em segundo lugar, encontramos-na firmemente vinculada a determinadas idéias, nas

chamadas “fobias” em que ainda é possível reconhecer uma relação com um perigo externo, nas quais, porém, devemos considerar que o medo é exagerado, desproporcionado. Em terceiro e último lugar, encontramos a ansiedade na histeria e em outras formas de neurose grave, onde ou ela acompanha os sintomas, ou surge independentemente como ataque, ou como estado mais persistente, mas sempre sem qualquer base visível em um perigo externo (FREUD, 1932, p. 104).

Logo, o medo é referido por Freud (1895 apud VANIER, 2006) como *neurose de angústia* e designado como um *mal-estar psíquico* e também físico, que afeta todo o corpo, provocando sensação de aperto na região epigástrica, palpitações, dificuldades para respirar, palidez e sensação de “pernas bambas”, correspondentes a uma tensão física que não é elaborada psicologicamente. A angústia vem de uma representação que é recalcada no inconsciente, que não pode ser reconhecida e parece não ter objeto. Então, Freud propõe uma divisão de medo e angústias, distinguindo-os em três categorias, em função de sua relação com o perigo.

Em primeiro lugar, a angústia — *Angst* — correspondente ao anseio recalcado é inicialmente como toda angústia infantil, sem objeto. O perigo pode ser desconhecido e provoca um estado de espera e de preparação. Em seguida, o medo (*Furcht*) exige um objeto determinado e dirige sua atenção para este. Por fim, o terceiro termo, *Schreck*, para o qual (em francês) a tradução por *effroi* (pavor) é preferível a *frayeur* (susto), porque *frayeur* deve sua forma e seu sentido atual a uma aproximação com *effrayer* (assustar), de onde vem *effroi* (pavor), nesse caso a etimologia é distinta. O pavor é efeito de um perigo que não é preparado por alguma forma de alerta, não é preparado pela angústia, é marcado pela surpresa. (FREUD, 1920 apud VANIER, 2006, p. 3)

Assim, Freud (1920 apud VANIER, 2006) diz que a manifestação de pavor e de medo, nítida na fobia por neuroses traumáticas, é protegida por meio da angústia. Dessa forma, ele propõe uma segunda teoria da angústia, invertendo sua proposição inicial: não é o recalçamento que faz a angústia, mas sim a angústia que faz o recalçamento, porque a angústia sobrevém inicialmente diante de um perigo extremo e ameaçador.

Freud (2006) ressalta que as defesas do indivíduo se desenvolvem no momento em que ele se sente ameaçado, visando minimizar qualquer impacto destrutivo da realidade e proteger sua integridade. Associado às reações defensivas, surge o sentimento de ansiedade, quando o indivíduo nota uma

ameaça ou um perigo iminente. Os mecanismos de defesas surgem para preencher um vazio ignorado pela frustração. O sentimento de frustração pode ser ocasionado por um castigo recebido inesperadamente ou pela supressão de uma recompensa esperada.

Na abordagem sociológica, o medo é caracterizado por Bauman (2008) em duas vertentes. A primeira é a do medo em primeiro grau — aquele instintivo, semelhante às reações de animais à presença imediata de algo que ameace pôr a vida em risco — e gera duas reações: fuga e agressão. A outra vertente é a do medo em segundo grau, entendido como uma estrutura mental estável — o sentimento de ser suscetível ao perigo, a sensação de insegurança e vulnerabilidade.

A insegurança de um mundo cheio de perigos que podem se abater sobre quaisquer pessoas com algum ou nenhum aviso e a vulnerabilidade de saber que, no caso do suposto perigo concretizar-se, haverá pouca ou nenhuma chance de fugir ou de se defender com sucesso, em função da falta de confiança nas defesas disponíveis, mais que no perigo em si mesmo. (BAUMAN, 2008, p. 10)

Dessa forma, existem, segundo Bauman (2009), três tipos de perigos dos quais se tem medo. O primeiro se refere às ameaças ao corpo e às propriedades. O segundo é de natureza mais geral e ameaça a durabilidade da ordem social e da confiança nela, da qual depende a segurança do sustento, a sobrevivência. E o terceiro tipo se refere àquele que ameaça o lugar do indivíduo no mundo, à ameaça de perda da posição social e da identidade, à imunidade à degradação e à exclusão (BAUMAN, 2009).

O Estado, por exemplo, tendo encontrado sua *raison d'être* e seu direito à obediência dos cidadãos na promessa de protegê-los das ameaças à existência, porém não mais capaz de cumpri-la (particularmente a promessa de defesa contra os perigos do segundo e terceiro tipos) — nem de reafirmá-la responsabilmente em vista da rápida globalização e dos mercados crescentemente extraterritoriais —, é obrigado a mudar a ênfase da “proteção contra o medo” dos perigos à segurança pessoal. O Estado então “rebaixa” a luta contra os medos para o domínio da “política de vida”, dirigida e administrada individualmente, e ao mesmo tempo em que adquire o suprimento de armas de combate no mercado de consumo. (BAUMAN, 2009, p. 10-11)

Considerando o contexto sobre o medo caracterizado por Bauman como algo instintivo, passivo a reação de fuga e agressividade, entendido como sentimento de ser suscetível ao perigo, retornamos aqui os conceitos de Freud (1926). O psicanalista ressalta que combinou os instintos para a

autopreservação e preservação da espécie sob o conceito de *Eros*, opondo-se a ele a *uma pulsão de morte ou destruição* que atua em silêncio. Freud considera ainda a pulsão como “[...] uma espécie de elasticidade das coisas vivas, um impulso no sentido da restauração que outrora existiu, conduzida a um fim por alguma perturbação externa” (FREUD, 1926/1976, p. 73). Ao ser exposto a um perigo externo o organismo para se proteger, recorre a reações como tentativas de fuga e agressão.

Diante do exposto, mencionado por Freud, o perigo que a angústia assinala é a castração que está na base, pertencente à concentração da libido. A angústia indica como o movimento libidinal conduz a um risco, já que “uma exigência pulsional não é, afinal de contas, perigosa em si; somente vem a ser assim, visto que acarreta um perigo externo real, o perigo de castração” (FREUD, 1926/1976, p. 126). Assim, através dos mecanismos de defesa, a angústia recalca seus representantes psíquicos da pulsão, visando proteger o organismo dos possíveis perigos da castração, os quais podem ser potencializados pela pulsão de morte.

CONTEXTO SOCIAL DE MEDO URBANO

O jogo do bicho, o crime organizado e o narcotráfico, são práticas de violência que vêm se fortalecendo, produzindo uma sensação cada vez maior de insegurança. A pobreza urbana continua se relacionando com essas diversas facções, numa relação conflituosa, em função da falta do poder estatal de controle e repressão e também por parte dos grupos paralelos com dominação, opressão e “justiça” local (PASTANA, 2003). Nessa relação a culpa tende a recair sobre a pobreza. Basta rever a questão de higienização das cidades: os miseráveis habitantes locais são considerados os culpados pelas doenças que se espalham — e não as péssimas condições de vida e de saneamento. A solução encontrada é a expulsão dos pobres das áreas centrais das cidades, numa impactante maquiagem moderna de embelezamento das cidades em suas áreas centrais.

Para Philippi (2001), a pobreza continua a ser responsabilizada. Ser miserável passou a ser sinônimo de marginalidade e criminalidade, ou seja, as

maiores vítimas da violência urbana — e de tantas outras, na verdade — passaram a ser algozes.

Porém, a vinculação, aceita como truísmo entre pobreza e criminalidade que é um dos pressupostos mais arraigados de toda população brasileira, não está permitindo atitudes mais eficazes diante do novo fenômeno da criminalidade do Brasil urbano, vinculado a uma atividade empresarial organizada do crime. Se antes esse determinismo aparecia nas concepções religiosas do crime, em que a vontade das divindades centrais ou de entidades espirituais periféricas é que decida a ação criminosa da pessoa, hoje esta concepção rarefeita cede lugar ao determinismo sociológico que considera a pobreza o meio social ideal ou o “meio de cultura” (no sentido bacteriológico) para o aparecimento do criminoso. (ZALUAR, 1994, p. 91)

Associado a isso, vive-se numa cultura hedonista, em que os valores individuais negativos e as maneiras evidentes de ascensão social fazem-nos confundir o lícito com o ilícito, o moral e o imoral, o medo com a segurança. A manifestação dessa guerra se dá principalmente entre a juventude pobre e a rica, entre brancos e negros. Nessa guerra, todos os lados estão dentro de prisões: os ricos em seus condomínios e casas, cercados de segurança; os pobres nas mãos da segurança pública e do terror das bocas de fumo e de grupos de extermínio; os criminosos pobres nas prisões, em função de seu envolvimento com as organizações criminosas. Em segundo plano, trata-se de uma guerra por propósitos nascidos na individualidade da busca desenfreada por prazer e domínio. O poder e a riqueza são ostentados com o estilo de vida dos ricos e famosos (ZALUAR, 1994).

A reprodução dessa cultura é expressa entre indivíduos, grupos e instituições, que, para obter um espaço social, colocam como regra a violência ou a submissão, extrapolando os limites do outro. Para dominar e obter respeito, é necessário impor medo, ter domínio nas situações e ser temido.

O medo, assim como o sofrimento, é uma emoção que aparece no cotidiano dos moradores dos centros urbanos, como um “pano de fundo, um cenário que contextualiza as cenas vividas” (GIACOMAZZI, 2000, p. 12), expressadas ora com silêncio, ora com agitação e olhares apreensivos no confronto com a ameaça.

Apesar disso, é imprescindível ressaltar que a ênfase em muitos discursos é a captura, prisão e/ou morte dos criminosos; dessa forma,

supostamente livra-se a sociedade de um mal. É exatamente dessa maneira que a classe dominante acredita estar se livrando de uma violência originalmente provocada por ela mesma. Todos esses fatores se confundem, ao tratar da sensação permanente de medo no contexto, diante da violência urbana nas cidades brasileiras (PHILIPPI, 2001).

Dornelles (2003) realça o reconhecimento da violência urbana como uma forma de vida materializada em uma ordem social, e a força é um meio de alcance de interesses. O conceito é uma categoria de senso comum, coletivamente edificado, para dar conta do fato de que faz parte do dia a dia um intrincado de práticas, cuja força é o componente aglutinador responsável por sua articulação e concorrente permanência ao longo do tempo.

Assim, Gediel e Mercer (2008) afirmam que o cerne da questão das representações da violência urbana é apreender e anunciar uma ordem social, mais do que um conjunto de condutas isoladas. Em outras palavras, as intimidações à integridade física e patrimonial percebidas provêm de um complexo orgânico de práticas que geram o estado psicológico do medo, e não de ações individuais.

MEDO FRENTE À VIOLÊNCIA URBANA

No mundo contemporâneo, a violência vem se inserindo com brutalidade, disseminando ódio e *culto da morte*, determinada a eliminar o outro para sobreviver: “[...] a criminalidade se encontra atrelada à engrenagem do poder” (FRIEDL; FARIAS, 2015, p. 3). Existente desde os primórdios da humanidade como forma de resolver conflitos de famílias, pessoas e comunidades nas sociedades, pela primeira vez na história, com o desenvolvimento da ciência, da tecnologia e do poder, a criminalidade visa aniquilar a humanidade da face da terra, com atos de incitação à violência.

Freud (1969 apud FRIEDL; FARIAS, 2015, p. 6), em resposta a carta enviada a Einstein, argumenta sobre o tema do poder e da violência e “propõe substituir a palavra *poder* por *violência*”, referindo que a violência é construída pela existência do outro. Ele sustenta a ideia:

[...] de que a violência precede a lei, ao afirmar que: “a violência é inerente ao homem. A violência tem mobilidade, pode circular, pode estar delegada ao Estado ou retornar para o homem, mas é destrutiva, contenta-se em submeter o homem, não em matá-lo”. Violência está relacionada com força e destruição, e com o impulso de dominar e eliminar o outro e ainda, no pensamento freudiano, com a pulsão de domínio [...]. (FREUD, 1969 apud FRIEDL, FARIAS, 2015, p. 6)

Refere que a violência é gerada pela existência do outro e, com o surgimento da pulsão de morte, da pulsão de dominação e do sadismo, o outro passa a ser o abrigo para que a pulsão de morte manifeste a realização dos desejos de agressividade, construindo experiências traumáticas da violência nos dias atuais. Grande parte da violência no mundo urbano é estabelecida em questões representadas por atos burocráticos do governo e por cenas de violências visuais, apresentadas pelas emissoras de televisão e outros meios de comunicação, ao dizer que os “criminosos são seres monstruosos” (FRIEDL; FARIAS, 2015, p. 11) e detentores de toda a crueldade dos seres humanos, contribuindo para o imaginário de ideias, de sofrimento, de dor e de medo.

Dessa forma, mídias como cinema, a televisão, internet e até mesmo jogos eletrônicos “[...] são veículos que utilizam da imagem já pronta, necessitando muito menos esforço mental para serem decodificados em linguagem verbal” (LOPES, 2012, p.31). Além disso, impõem de forma veloz e intensa os conteúdos, não deixando tempo para o espectador digeri-los. As imagens divulgadas são avassaladoras, provocando uma espécie de violência no funcionamento do imaginário (LOPES, 2012).

Corrêa (2010) afirma que o imaginário do medo consiste na produção de narrativas que articulam medo e crimes violentos de uma forma que não privilegia uma mobilização social para enfrentar o problema. O medo não está relacionado à esperança. Os enunciados da imprensa colocam o medo em estreita relação com o pânico — sentimento que não consegue ver os seus fundamentos. Por isso, tem tendência totalizante: “[...] é um sentimento que restringe o pensamento e que acaba fazendo o indivíduo agir de forma muito emotiva” (CORRÊA, 2010, p. 101). É um sentimento ligado ao desconhecido e ao inexplicável, que também surge de enunciados ineficientes de instituições de repressão, ligada às relações sociais.

Os enunciados da imprensa, evocados pelos textos analisados, elaboram uma cidade imaginária que ao mesmo tempo é concreta e palpável. Os relatos de crimes violentos produzem uma simbologia e um vocabulário que constituem um imaginário urbano do medo em uma esfera em que circulam valores de uma sociedade (CORRÊA, 2010).

As estratégias de proteção e reação em relação à violência têm consequências em dois âmbitos principais:

Tanto simbólica quanto materialmente, essas estratégias operam de forma semelhante: elas estabelecem diferenças, impõem divisões e distâncias, constroem separações, multiplicam regras de evitação e exclusão e restringem os movimentos. Muitas dessas operações são justificadas em conversas do dia-a-dia cujo tema é o que chamo de fala do crime. As narrativas cotidianas, comentários, conversas e até mesmo brincadeiras e piadas que têm o crime como tema contrapõem-se ao medo e à experiência de ser uma vítima do crime e, ao mesmo tempo, fazem o medo proliferar. (CALDEIRA, 2003 apud CORRÊA, 2010, p. 92)

O medo como fantasma da cidade está ligado ao avanço da violência nas metrópoles brasileiras. A violência relacionada com o crime acumula tensão pelos relatos das vítimas, que “[...] disseminam rapidamente, criando um contágio que estimula o fantasma urbano, ainda que em grandes partes através de boatos [...]” (CORRÊA, 2010, p. 92). Espalha-se o medo pelo ato de narrar que circula pela cidade, com fundamentos concretos ou não; quando disseminado massivamente pelos meios de comunicação, produz significados por meio dos quais as articulações simbólicas influenciam nas práticas sociais. A escalada da violência é tida como um processo traumático, que possibilita a escrita de uma história por duas demarcações temporais: um antes e um depois (CORRÊA, 2010).

Esse fantasma, que não é visível, é uma forma compartilhada de vivenciar a cidade. Ele é, em grande medida, criado pelos relatos massivos que focalizam a questão da violência urbana e analisam o fantasma do medo vivenciado pelas percepções do espaço urbano. De forma acentuada, esse espaço passa a ser um lugar de encontro com o medo: os desconhecidos da multidão tornam-se criminosos em potencial — comprovando indícios de que a narração da violência pelos meios de comunicação contribui na produção do imaginário social. Ela sugere que o medo é uma forma de produzir

subjetividades por meio de instâncias simbólicas, que a cidade é o habitat do perigo, e lugares perigosos podem produzir traumas. O medo como fantasma urbano, disseminado pelos meios de comunicação, pode ser definido como um processo de *contágio social* (CORRÊA, 2010).

Assim, conteúdos culturais são fornecidos no contexto sócio-histórico, criando e simbolizando heróis com particularidades assustadoras, transformando-os em monstros ameaçadores de morte. O imaginário urbano no universo globalizado é habitado por personagens que, por meio dos meios de comunicação, tornam-se violentos e estranhos ao nosso convívio social. “Enquanto imagens de assaltos, assassinatos e atentados diversos nos são mostrados diariamente, somos lembrados do perigo que nos ronda” (BITTENCOURT, 2007, p. 2). Criado na infância, o imaginário do medo é representado por monstros e fantasmas de cenas vindas diretamente da vida real por atos de violência, brigas, discussão e de indivíduos feridos em tiroteios (BITTENCOURT, 2007).

Definida por Freud (1919 apud BITTENCOURT, 2007), a palavra *estranho* é uma categoria do assustador relacionado com aquilo que provoca medo, e em geral remete ao familiar/conhecido. “Freud acrescenta que quando o estranhamento decorre de complexos infantis, não existe o problema na realidade material; seu lugar é ocupado pela realidade psíquica” (BITTENCOURT, 2007, p. 2). A ameaça pode ser encontrada em algumas situações no próprio real e ser tão agressiva e capaz de explodir, de modo traumático, os limites dos espaços simbólicos.

O ser humano detém conhecimento das coisas sincronicamente no âmbito psíquico e sócio-histórico. “Tudo que diz respeito ao indivíduo é construído socialmente, e o que é estranho e assustador é alcançado e ocupado pelo imaginário do medo” (BITTENCOURT, 2007, p. 3). Quando observa e especula os assuntos divulgados nos meios de comunicação, associados à violência urbana, o indivíduo fica a cada dia mais assustado. No plano simbólico, temos por exemplo a referência ao carro blindado da polícia, o temido “caveirão”, que representa risco real, evocando experiências traumáticas de terror, deixando de existir no imaginário figurativo devido à exposição visual de mortos e feridos em tiroteios. Essas situações dão lugar a medos produzidos pela vivência da realidade de perigos reais no cotidiano

urbano, sinalizando “[...] um pedido de socorro urgente, como talvez represente em muitos casos, a última oportunidade de uma intervenção, antes que seja tarde demais” (BITTENCOURT, 2007, p. 7).

MANIFESTAÇÃO DO MEDO DIANTE DA VIOLÊNCIA URBANA

A crescente exposição a atos de violência urbana, divulgados em massa nos meios de comunicação, bem como em boatos e discussões no cotidiano dos indivíduos, fortalece o imaginário do medo. Ela provoca uma manifestação contínua de mal-estar, de perturbações e inquietações, ocasionando sentimentos de medo do outro sujeito urbano. Esse medo afeta as relações e os vínculos sociais de forma tão ameaçadora que, no contexto de incertezas e medo do outro, o “[...] distanciamento parece a única medida capaz de propiciar um pouco de alívio e segurança” (LABRONICI et al., 2010, p. 4). A interação com o outro sujeito e consigo destaca que vivemos de movimentos conscientes das experiências com o corpo, que propicia a interação consigo e com o outro no espaço urbano (LABRONICI et al., 2010).

As manifestações do medo são vivenciadas nessa interação com a construção da autoimagem e autoestima da percepção avaliativa, que podem ser positivas ou negativas. Assim, sair do mundo privado para circular pelas ruas nos espaços públicos à noite favorece pensamentos de que o outro pode ser uma ameaça, e a qualquer momento poderá se aproximar com a intenção de praticar uma agressão, desencadeando o sentimento de medo (LABRONICI et al., 2010).

O medo da violência urbana da sociedade de hoje não está atrelado apenas às informações e manipulações da mídia, não é ilusório; a insegurança é grave, o medo se intensifica pela “[...] magnitude das taxas de criminalidade e a intensidade da violência envolvida” (SOARES, 2003, p. 3), da degradação das instituições estatais de segurança, do crescimento de organizações e facções criminosas e das práticas policiais, que são notáveis pelos estigmas de classe, cor, sexo e caráter. O caráter é referido por Sigmund Freud, em sua obra *Mal-estar na civilização*, como:

[...] eminentemente repressor do processo civilizador, que afastava os humanos de sua natureza animal, na medida em que inibia seus impulsos primitivos, canalizando suas pulsões e criando mecanismos de sublimação, compatíveis com a assimilação progressiva e a difusão das disciplinas necessárias à vida coletiva pacífica. A cultura e a sociedade seriam tributárias da repressão [...] (Freud, 1930 apud SOARES, 2003, p. 10.)

Nesse contexto, o medo diante da violência urbana também se manifesta por repressão surgida em atividades policiais, em ações correspondentes à inibição da violência generalizada e difusa, no controle democrático da ordem pública e de poderes nas mais diversas esferas sociais. O medo da repressão envolve uma recusa da expressão *segurança pública*, representada pelas funções policiais (SOARES, 2003).

O medo frente à violência urbana se manifesta pela ausência de respostas da polícia e da justiça, pelo despreparo das forças policiais no enfrentamento do crime e pelas altas taxas de impunidade no sistema de segurança pública. A descrença da população com o sistema de justiça e segurança tem contribuído para um imaginário social, desencadeando a sensação de insegurança e de descrédito dos órgãos de segurança pública. Dessa forma, os indivíduos reagem fechando suas casas, protegendo-se com grades, muros e sistemas de segurança, contratando segurança privada e seguros de toda espécie, procurando viver no anonimato e evitando circular nas ruas consideradas *zonas de perigo* (COELHO, 2009).

CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos observados no presente estudo, entendemos que as notícias veiculadas em mídias como televisão, cinema, internet e até mesmo jogos eletrônicos são avassaladoras e provocam sofrimento psíquico, pois são colocadas de forma excessiva, sem tempo para o ouvinte elaborar as informações. Consequentemente, elas estimulam o imaginário do medo.

Além das mídias, as narrativas de crimes violentos provocam manifestação de mal-estar, ansiedade e angústias, e dificultam a convivência com o outro no espaço urbano. Então a individualização passa a ser buscada como uma nova forma de sociabilidade de vida contemporânea.

Percebe-se que os sentimentos de insegurança correspondentes à crença de perigo iminente levam a uma espécie de violência no imaginário, do qual estamos vulneráveis, uma vez que o outro representa ameaça. A reação é suspeitar de qualquer indivíduo que se assemelhe àquele agressor mencionado nas notícias e narrativas.

Dessa forma, entendemos que nascem o medo social, o pânico com características fóbicas e a intensificação dos sentimentos de angústia, posto que o agressor está em todo lugar no espaço urbano. Ele pode se apresentar sob qualquer aparência, dando-lhe uma visibilidade imaginária qualquer, em que o invisível e o imprevisível se corporificam em um ser estranho.

Portanto, em virtude dos fatos mencionados, para o enfrentamento da sensação de impotência e medo diante da violência urbana, predominam as estratégias individuais, com investimentos crescente em segurança privada, nas casas e nos bairros. Investe-se em condomínios fechados, com segurança eletrônica, farmácias, cinemas, academias, bares, escolas e padarias, evitando assim o contato com o desconhecido.

Dessa maneira, o indivíduo a fim de manter a autopreservação, recorre a tentativas de fuga, evitando se expor a situações que representem ameaça a sua integridade. Essas reações conforme sustentado por Freud, assinalam que o indivíduo desenvolve mecanismos de defesa, os quais visa protegê-lo de um desprazer psíquico, dessa forma exclui o outro do convívio social, no sentido de restaurar o que outrora existiu, mas que foi conduzida a um fim por alguma perturbação externa, semelhante a angústia de castração.

Por fim, conclui-se que o imaginário do medo, produzido ou inato, bem como o medo do outro, da repressão, do desconhecido — somados ao medo como um fantasma urbano, advindo de narrativas que articulam atos violentos — são fatores provocados pela violência urbana e potencializados pela pulsão de morte que se manifesta através da pulsão de domínio com o propósito de eliminar o outro.

Logo, o resultado relacionado aos impactos do sofrimento psíquico causado pelo medo diante da violência urbana é a criação de um novo espaço urbano, o qual muda drasticamente as relações com os indivíduos do outro lado do muro, constituindo novos padrões de educação e de conduta, assim introduzindo novos modelos de segregação do espaço urbano.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Camila Renata da Silva; PAULA, Patrícia Pinto de. **Violência no trabalho: possíveis relações entre assaltos e TEPT em rodoviários de uma empresa de transporte coletivo**. Cad. psicol. soc. trab., São Paulo, v. 12, n. 1, p. 35-46, jun. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172009000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 jan. 2019.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BITTENCOURT, M. I. G. DE F. Espaço real, espaço simbólico e os medos infantis. **Latin American Journal of Fundamental Psychopathology On Line**, v. 4, p. 229–237, 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-03582007000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 jan. 2019.

COELHO, B. I. et al. Violência urbana: avaliação de vítimas e pessoas que tiveram acesso à informação. **Psicologia para América Latina**, n. 16, jun. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2009000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 Jan. 2019.

CORRÊA, F. B. A busca por segurança: imaginário do medo e geografia urbana. **Contemporânea**, v. 8, n. 1, p. 88–105, 2010. Disponível em: http://www.e-publicacoes_teste.uerj.br/ojs/index.php/contemporanea/article/viewFile/699/704. Acesso em 09 jan. 2019.

DORNELLES, J. R. W. **Conflito e segurança: entre pombos e falcões**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2003.

FREUD, A. **O ego e os mecanismos de defesa**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, S. (1926). **Inibições, sintomas e ansiedade**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 95-201

FREUD, S. (1932). **Ansiedade e vida instintual**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 17-193

FRIEDL, F.; FARIAS, F. Violência e condição humana. **Trivium - Estudos Interdisciplinares**, v. 7, n. 2, p. 231–245, dez. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912015000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 jan 2019.

- GEDIEL, J. A. P.; MERCER, V. R. **Violência, paixão e discursos: o avesso dos silêncios**. Porto Alegre: CMC, 2008.
- GIACOMAZZI, M. C. G. Medo e violência no contexto urbano: o caso de José. **Horizontes antropológicos**, v. 6, n. 13, p. 177–194, jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832000000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 jan. 2019.
- LABRONICI, L. M.; FEGADOLI, D.; CORREA, M. E. C. The meaning of sexual abuse in the manifestation of corporeity: a phenomenological study. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 2, p. 401–406, jun. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000200023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 jan. 2019.
- PASTANA, D. R. **Cultura do medo: reflexões sobre violência criminal, controle social e cidadania no Brasil**. São Paulo: Método, 2003.
- PEREIRA, Jesus Marmaniillo - **Violência e desagregação das relações sociais urbanas**. Revista Sociologia Ciências & Vida. São Paulo. Ed 67,2017. Disponível em: <<http://sociologiacienciaevida.com.br/violencia-urbana-e-o-medo/>> Acesso em 07 de fev. 2019
- PHILIPPI, J. N. **A lei: uma abordagem a partir da leitura cruzada entre direito e psicanálise**. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.
- PONDE, Danit Zeava Falbel. O conceito de medo em Winnicott. **Winnicott e-prints**, São Paulo , v. 6, n. 2, p. 82-131, 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2011000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 fev. 2019
- SILVA, L. A. Violência e sociabilidade: tendências na atual conjuntura brasileira. In: RIBEIRO, L. C.; SANTOS JÚNIOR, O. A. **Globalização, fragmentação e reforma urbana: o futuro das cidades brasileiras na crise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
- SOARES, L. E. Novas políticas de segurança pública. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 47, p. 75–96, abr. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 fev. 2019.
- VANIER, A. Temos medo de quê? **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 9, n. 2, p. 285–298, dez. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 fev. 2019.
- ZALUAR, A.; VELLOSO, C. Violência, crime organizado e poder: tragédias brasileiras e seus desafios. In: VELLOSO, C. **Governabilidade, sistema político e violência urbana**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.